



A Pintura de Paisagem de Oscar Boeira (1883-1943)

Prof. Dr. José Augusto Avancini
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Comitê Brasileiro de História da Arte

A incipiente historiografia da arte gaúcha debate sobre o lugar que Oscar Boeira ocuparia no cenário artístico local, seja de forma direta ou seja de maneira indireta. Nossos dois primeiros historiadores da arte foram o ensaísta e historiador Athos Damaceno e o pintor, crítico e ensaísta Ângelo Guido. O trabalho de Ângelo Guido foi o primeiro a ser publicado na Enciclopédia Rio-Grandense entre 1956 e 1958, em duas partes de um longo ensaio; a primeira tratava da arte rio-grandense desde o período colonial até os inícios do século XX; a segunda toma a exposição do salão de outono de 1925 como ponto de partida para o período contemporâneo.

Nessa segunda parte Guido nos lembra que a periodização adotada até então é tripartite, atribuindo o primeiro momento ao período colonial iniciado em 1737, quando da fundação da cidade de Rio Grande, prolongando-se até a chegada de Manuel de Araújo Porto Alegre à capital, e sua posterior ida com Debret para a corte do Rio de Janeiro, por volta de 1821; o segundo momento se desenvolveria desde essa data até a exposição de 1925 que abriria o terceiro e último período que seria o da contemporaneidade.

A personagem principal desse segundo momento foi Pedro Weingärtner, que ao final de sua vida, nos primeiros decênios do século XX, voltou a Porto Alegre e aí permaneceu até sua morte em 1928. Pedro Weingärtner foi o segundo pintor a adquirir notoriedade por suas obras, após o sucesso nacional de Porto Alegre, com a diferença que Weingärtner ia e vinha a sua terra natal e Porto Alegre nunca a ela retornou.

O segundo momento histórico da arte rio-grandense foi marcado pelas orientações da Academia Imperial de Belas Artes e posteriormente pela reformada Escola Nacional de Belas Artes que continuou a tradição do período anterior, adaptando-se às novidades que aportavam da Europa mormente de Paris. Novidades tais como o clareamento da palheta, a temática local de inspiração romântica, alguns quadros de inspiração social, mostrando os despossuídos da sorte e as indefectíveis telas de gênero, bem a gosto das classes médias e altas da época.

Damaceno Ferreira, em sua obra *Artes Plásticas no Rio Grande do Sul*, mostra como esse padrão vigiu entre nós por longo tempo, tendo inclusive uma sobrevida pelas condições sócio-culturais da época no Rio Grande do Sul. Esse autor nos mostra como a nova geração surgida na década de 1890, continuava submissa às premissas do ensino acadêmico-realista desse período. Animados pelas melhorias materiais e culturais da época, esse pequeno grupo de intelectuais e artistas promoveram algumas exposições e formaram associação para a fundação e funcionamento do primeiro Instituto de Belas Artes de Porto Alegre.

Além de Pedro Weingärtner, já figura consagrada no país e no estado, surgem novos valores como o paisagista Libindo Ferraz que capitaneou a primeira fase do IBA até sua aposentadoria e demissão em 1936. Foi nesse período que Oscar Boeira participou timidamente da vida cultural do IBA, ministrando aulas gratuitas pelo espaço de dois anos 1915-1917. Após essa experiência, apenas trabalhou com grupos reduzidos de alunos em sua residência.

No período pré-moderno o ambiente porto-alegrense já estava agitado pelas novas idéias vindas do centro do país e da Europa. É o caso do simbolismo, amplamente conhecido e digerido pelos jovens intelectuais de então, não só no Rio Grande do Sul como também em Santa Catarina, no Paraná, na Bahia e no Rio de Janeiro, foco irradiador do movimento. De sorte que o modernismo de 1922 não encontrou muita receptividade nesses intelectuais da província, que já haviam se libertado das amarras do academicismo pela adesão às idéias e às práticas do Simbolismo.

Através da adesão à visão simbolista da arte, nossos intelectuais liberavam-se também da estreiteza cultural social dos meios provincianos de então. Outro exemplo disso foi a obra de Alphonsus de Guimaraens, recluso em Mariana, Minas Gerais. Enfim o simbolismo literário e depois pictórico preparou caminho para a aceitação e incorporação das novidades estéticas que estavam chegando e para um amplo sentido de cosmopolitismo do qual andavam sedentos nossos heróis.

Quando a exposição de 1925 ocorreu, já havia um clima favorável para as novidades. Apesar de ter sido uma exposição heteróclita e completamente díspar na qualidade das obras expostas, em torno de trezentas e cinco peças, essa exposição causou um choque positivo no letárgico ambiente cultural da cidade.

E, dentre as novidades que assomaram, na berlinda dos comentários estavam as obras de Oscar Boeira, apresentadas em pequeno número, mas que causaram opinião favorável no público e mais ainda entre os intelectuais da cidade e do grupo promotor da mostra.

Hélio Seelinger foi o idealizador da mostra. Artista nascido no Rio Grande do Sul, mas formado e atuante no Rio de Janeiro, tinha em sua pintura fortes traços do Simbolismo. Espírito inquieto e cativante animou seus amigos e companheiros para a realização desse primeiro Salão de Outono em maio de 1925. E foi nessa mostra que os trabalhos de Oscar Boeira surgiram aos olhos do público por suas inovações plásticas e fina sensibilidade na captação da luz. Ângelo Guido observou as novidades trazidas pelas obras de Boeira:

(...) a obra de Boeira representava uma visão pictórica para o meio artístico de Porto Alegre, não apenas quanto à essência de seu conteúdo de poesia, à sua expressão intimista, mas, notadamente, quanto ao colorido, à feitura e a luminosidade toda especial de suas telas. (Guido, A. p. 185)

Oscar Boeira de família abastada nasceu em 21 de julho de 1883, único homem entre sete filhos, nunca tendo necessidade de trabalhar para obter seu sustento. Logo que pôde ainda jovem partiu para o Rio de Janeiro para os estudos preparatórios ao ingresso na Escola Nacional de Belas Artes com Rodolfo Amoedo. Após seu ingresso na Escola, estudou com Eliseu Visconti de cujos ensinamentos formou sua bagagem principal e de quem absorveu os princípios e os ensinamentos provenientes do impressionismo. Contudo, Boeira, viu-se obrigado a voltar para o sul por ter adquirido grave doença que o incapacitava de prosseguir em seus estudos artísticos. Doença não mencionada pelas fontes, mas que deveria ser tuberculose pela gravidade e pelo preconceito de que era cercada na época.

Viveu acolhido pela família levando vida discreta e retirada. Lecionou em sua residência para pequenos grupos e dedicou-se a pintar, e no dizer de Ângelo Guido, mais a destruir trabalhos do que a conservá-los, uma vez que era muito exigente consigo mesmo e com os seus critérios de qualidade que deveria obter na finalização das obras.

Segundo Guido:

Seu marco divisório se pode apontar, em relação à pintura brasileira, na obra de Eliseu Visconti, face à pintura que até 1925 se fez no Rio Grande do Sul, tendo a frente Pedro Weingärtner, o marco divisório entre as duas épocas só poder ser marcado pelo aparecimento de Oscar Boeira. Pena é que tão retraído,

tão desambicioso, de uma timidez que nunca tentou vencer, Oscar Boeira não tenha participado mais vivamente do nosso movimento artístico e, desanimado, talvez por índole, talvez por não se sentir suficientemente compreendido, não tenha produzido com maior frequência, pois do que revelou de seu belo talento e de sua sensibilidade, percebe-se que muito mais poderia ter dado. (Guido, A. p.186)

Participou de poucas mostras durante sua vida, totalizando um número de cinco exposições coletivas, compreendidas nas exposições Alunos de Eliseu Visconti, Centro Artístico Juventus, ENBA, Rio de Janeiro, em 1911; o Salão de Outono de 1925, o Salão do IBA de 1929, a exposição de Artes Plásticas do Centenário Farroupilha de 1935, e o primeiro Salão do IBA de 1939; em todas obteve reconhecimento e algumas premiações importantes. Exposições individuais só foram realizadas depois de sua morte, sendo a primeira em sua homenagem em 1953, promovida pela associação rio-grandense de artes plásticas Francisco Lisboa; a segunda em 1983, comemorativa aos cem anos de nascimento do pintor, pelo Museu de Arte do Rio Grande do Sul e a terceira e última em 1997, no projeto (CEF resgatando a memória), todas em Porto Alegre.

Paulatinamente suas obras foram divulgadas e o lugar de Oscar Boeira foi cada vez mais reconhecido no cenário artístico gaúcho. Foi sua formação no Rio que lhe deu as condições técnicas necessárias para exercer a pintura, e o contato com Eliseu Visconti lhe proporcionou uma abertura para as novas experiências formais e colorísticas que lhe proporcionaram um amadurecimento que constatamos nas séries de paisagens realizadas entre 1911 e 1939.

Sua pintura adquiriu uma leveza de cor e um acentuado tom lírico, muito próximo ao Simbolismo italiano e ao de seu mestre Visconti. Trabalhou com camadas de véu de luz, criando na tela brumas que se sobrepõem umas às outras, de maneira a provocar no espectador a sensação de proximidade e distância, muito a gosto da estética finissecular européia com a qual as obras de Boeira afinavam. O tom de melancolia de calma, contemplação era o forte elemento sugestivo que as paisagens nos proporcionavam. Apesar dos amplos espaços retratados, nunca é o monumental da natureza que sobressai, mas sim seus aspectos acolhedores e afetivamente interpretados.

O recurso ao retrato no jardim tenta unificar tanto o senso de espaço e de cor ao jardim, como produzir a intimidade do que vemos, representado pela concentração das figuras femininas em algumas tarefas domésticas, ou que lhes são atribuídas pela cultura de então. O lugar do jardim é um pequeno microcosmo para uso pessoal e contínuo da natureza. Verdadeiro substituto de uma natureza mais ampla e ainda intocada pelo homem.

Realismo e idealização da paisagem são os pólos entre os quais a pintura de Boeira oscila, buscando a síntese necessária ao bom resultado plástico das obras. Muitas de suas pinturas estão vinculadas à tendência então vigente de fixar um padrão de paisagem local, representativa do que seria o Rio Grande do Sul, inserida no movimento geral de apreensão da realidade nacional por seus tipos e cenários naturais e, às vezes, urbanos, como o do Rio de Janeiro, que alcançariam o estatuto de ícones do especificamente brasileiro.

A paisagem de Boeira divide-se entre o Litoral, a Serra e a região da Depressão centro, onde se localiza Porto Alegre e seus arredores, com seus terrenos planos alternados com morros e colinas a emoldurar o cenário local.

Apesar de seus quadros terem a marca da universalidade do gênero paisagem, é nítida nelas a preocupação do pintor em fixar também aqueles sítios por onde ele andava ou amava. Suas paisagens contribuíram para os gaúchos se reconhecerem e identificarem os lugares aprazíveis e valorizáveis de sua terra, quase despossuída das magníficas paisagens comuns a outros estados e rincões do país. Além dessa tarefa quase pedagógica as obras de Boeira proporcionavam e exigiam do espectador um apurado gosto e sensibilidade para poder apreciá-las, criando um momento de íntima fruição e recolhimento. Sua pintura aproxima-se da música de câmara pelas sensações que evoca e pelos estados de espírito que desencadeia.

Pintura luminosa de espaços livres e muitas vezes largos, mas que nos convida a um encontro retirado dos grandes grupos, para a contemplação solitária ou no máximo a dois, dessas *paisagens de câmara* que exigem intimidade, recolhimento e meditação para serem fruídas.



Referências

- DAMASCENO, Athos. *Artes Plásticas no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Ed. Globo Col. Província, 1971.
- GUIDO, Ângelo. Trinta Anos de Pintura. In: *Enciclopédia Rio-Grandense*, Canoas: Ed. Regional, 1956-58.
- PIETA, Marilene Burtet. Oscar Boeira, um pintor com luz própria. In: *Caixa Resgatando a Memória* / projeto e produção Marisa Veeck. Porto Alegre, Caixa Econômica Federal, 1998.